

ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO: UMA PERSPECTIVA MULTIDISCIPLINAR

ROSSANA REGINA GUIMARÃES RAMOS HENZ (UNIVERSIDADE DE PERNAMBUCO).

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo apresentar práticas de escrita e leitura (alfabetização) e letramento elaboradas por meio de uma perspectiva multidisciplinar que envolve as áreas de Literatura, Artes e História aplicadas em projeto de extensão em uma escola da periferia de Petrolina – PE. O plano de trabalho se constitui em buscar no meio sociocultural da comunidade escolar as fontes literárias, históricas e artísticas e priorizá-las como ponto de partida para a leitura e produção dos textos a serem produzidos por professores e alunos envolvidos no projeto de leitura, escrita e letramento. Além das propostas de atividades multidisciplinares, este trabalho inclui a apresentação resultados de avanços produzidos por alunos do 4^o ao 9^o ano do Ensino Fundamental, em defasagem de idade, apresentando níveis de escrita e leitura pré-silábicas. As bases teóricas do projeto e das ações aplicadas encontram-se na psicogênese da escrita e da leitura e no processo sócio-psicológico de construção do sujeito a partir de sua interação e identificação com o meio que habita. Na prática, utilizam-se elementos da cultura local como histórias – lendas do Rio São Francisco e Literatura de Cordel –; artes visuais – escultura de carrancas e barcos em barro e madeira; música – Samba de Véio da Ilha do Massangano, forró pé-de-serra. O projeto envolve as etapas de (a)pesquisa e coleta do material, (b)as múltiplas leituras dos elementos coletados, (c)a re-produção desses elementos e (d)a introdução de elementos externos à cultura local. O processo de aquisição da leitura e escrita (alfabetização) obedece aos critérios de desenvolvimento das hipóteses dos alunos, sendo feitas as devidas intervenções com vistas para o nível alfabético ortográfico da escrita e a fluência da leitura.

Palavras-chave:

alfabetização, letramento, multidisciplinaridade.

O presente trabalho é parte do projeto de pesquisa desenvolvido na Universidade de Pernambuco - Unidade Petrolina. A princípio, enfoca o ato de ler como ponto de partida para a construção do pensamento lógico-formal (Piaget & Inhelder, 1980), de modo a desenvolver por meio da argumentação a capacidade do aluno de construir suas relações diante do mundo que o cerca. Para tal, é importante enfatizar a cooperação do educador como facilitador - cooperador - do processo de escrita e leitura dos textos, bem como produção de sentido, por parte dos alunos.

A construção dos textos possibilitará desenvolver habilidades cognitivas, sociais e emocionais que buscam a recriação intelectual, crítica e reflexiva dos problemas sociais. Outra faceta do projeto é a estruturação da autonomia e auto-estima, às vezes, perdida ou fragilizada nos indivíduos oriundos de segmentos sociais economicamente menos favorecidos ou habitantes de regiões política e socialmente excluídas. Incluem-se nesta abordagem professores e estudantes de escolas de periferia ou rurais, assentamentos ou ilhéus do sertão de Pernambuco - cidade de Petrolina.

O projeto contempla em suas particularidades, tomando como fundamentos os estudos realizados pelas pesquisas com pares interdisciplinares, o estudo destas regiões do ponto de vista histórico-geográfico-social, com vista para a elaboração de planos pedagógicos ajustados aos interesses e contextos próprios das comunidades. Dessa forma, sem perder de vista o conhecimento geral de mundo, o sujeito cultural será o ponto de partida para a obtenção de novos saberes que advirão do processo de leitura dos textos e do mundo que o cerca.

O que há de novo nesta perspectiva é trabalhar na contra mão das metodologias escolares tradicionalmente aplicadas que, muitas vezes, desconsideram os saberes e a cultura locais, apontando para o "de fora", sobretudo quando é priorizado o uso do livro didático. Nessa direção, o projeto multidisciplinar opera com a complexidade que por si só implicam suas aplicações. O primeiro passo, portanto, dessa empreitada é a capacitação do professor para o entendimento da valorização dos saberes locais, bem como para a perspectiva multidisciplinar que insere o aproveitamento do elemento natural na elaboração do plano didático.

O próximo passo é tornar professores e alunos capazes de reconhecer e coletar o material cultural e submetê-lo ao processo de transposição didática. Nesse sentido, a orientação do coordenador do projeto deve atender juntamente com os estudantes de graduação as devidas etapas, para que haja a interação de todos os segmentos envolvidos no projeto.

Para a construção do projeto metodológico e instrumental, serão utilizadas como fundamentos teóricos o sócio-interacionismo e a psicogênese da escrita, tendo em vista o processo de alfabetização e letramento. O desenvolvimento das etapas bem como sua aplicação serão descritas e analisadas, servindo de base para as correções dos desvios.

Conforme Magda Soares (1998:47), *o letramento é estado ou condição de quem não apenas sabe ler e escrever, mas cultiva e exerce as práticas sociais que usam na escrita*. A concepção de *letramento* é recente e envolve diversos aspectos. O que podemos verificar em pesquisas é que o letramento está além da alfabetização. Trata-se de um processo abrangente que diferencia o *decodificador* do *leitor*. A idéia começa a ser discutida na França, em 1976, por J. Foucambert que iniciou um movimento teórico e prático, cujo objetivo estava na substituição de uma Pedagogia da Alfabetização - a querela dos métodos voltada para a formação do decifrador - para uma Pedagogia da Leiturização, esta, sim, segundo o autor, comprometida com a formação do leitor.

A concepção de J. Foucambert chega ao Brasil quase duas décadas depois por meio da publicação de sua obra *A Leitura em Questão*, uma coletânea de textos polêmicos produzidos ao longo de vários anos. O alvo principal de sua tese está centrado em um programa desafiador que propõe a *desescolarização da leitura*. Desescolarizar a leitura significa que, tanto em relação às crianças quanto aos

adultos, todas as instâncias educativas devem cuidar de formar o leitor, ou seja, a tarefa de formar leitores é um assunto comunitário que implica uma ação conjunta da sociedade.

A proposta de J. Foucambert passou a ser estudada e desenvolvida em várias áreas de estudo, sobretudo na Educação e nas Ciências Linguísticas. No Brasil, da idéia de formar leitores surge a constatação de especialistas de que à medida que o problema do analfabetismo vai sendo superado, evidencia-se um novo fenômeno: o do analfabeto funcional, ou seja, do indivíduo que é capaz de decifrar o texto escrito, mas que não adquire competência para usar a leitura e a escrita em sua prática social.

Com a denominação de *letramento*, a concepção que analisa a relação *decifrador/leitor* passa a ser discutida na Sociolinguística e na Psicolinguística, cujo enfoque está na prática social da escrita. Letramento ganhou estatuto de termo técnico e passou a ser usado frequentemente pelos especialistas que tratam da questão da formação do leitor. Conforme afirmamos antes, a questão é ampla e complexa, quando se trata de uma prática que vista para a formação do leitor.

O que podemos inferir do processo de letramento é que a prática social da escrita e da leitura deve ser aplicada com o objetivo de formação de leitores e escribas capazes de transformar a realidade social por meio dos textos que lêem e escrevem. Desse modo, o que viabiliza a prática o letramento é o conhecimento do contexto social, de preferência, sob um olhar atento das diversas formas em que se apresenta.

Do ponto de vista pedagógico, devemos nos debruçar sobre os campos do conhecimento que ampliam e especificam o objeto a ser estudado. Tomamos como exemplo o campo da História que traz para a sala de aula as diversas produções humanas em seu espaço/tempo, desde imagens particulares - fotografias, cartas, convites, diários etc. - até as imagens públicas dos livros e jornais em circulação como fonte de informação e construção dos textos que devem refletir a prática social. Nesse sentido, também se estabelece a pesquisa em Geografia, cujo olhar debruça-se sobre a paisagem, não somente do entorno, mas, por meio dos registros de imagem, de outros lugares distantes da visão *in loco*.

De posse das ferramentas sociais, ou seja, do conhecimento da realidade, o indivíduo utiliza a tecnologia da escrita para reconstruir os fatos e, desse modo, analisá-los em uma perspectiva mais próxima de seu próprio entendimento.

O aprofundamento dos estudos sobre a leitura nos revela que ao longo da história da humanidade houve várias formas de ler. O fato é que, sendo uma prática social, a leitura passou por diversas concepções desde a invenção da escrita. Na

Antiguidade, a tradição da oralidade se deu em função da valorização da arte da oratória e do ensino por meio do diálogo. A célebre frase *magister dixit* (o mestre disse) revela a soberania do oral sobre o escrito.

O leitor da Antiguidade era, acima de tudo, um ouvinte. As limitações no campo da publicação e divulgação das obras suscitaram uma prática habitual de leitura: as recitações públicas. Esse encontro entre autores, leitores e ouvintes era a forma pela qual todos se encontravam para reconstituir o sentido do texto.

Através do tempo, vieram outras concepções: a leitura monástica praticada por religiosos; a escolástica, a dos métodos desenvolvidos pela escola; e, por fim, a partir do século XVIII, a leitura extensiva que, em face da proliferação dos textos escritos, passa a ser difundida, principalmente nos centros urbanos. A leitura do texto escrito, sobretudo na sociedade contemporânea, na era da informação, substituiu gradualmente os métodos auditivos de comunicação.

Ainda assim, continuamos, principalmente nós, professores, a discutir a formação do leitor. A abundância de textos escritos e as inúmeras possibilidades de leitura não superaram a expectativa de se conceber o livro como importante fonte de prazer e conhecimento. É comum, nos dias de hoje, nos depararmos com pesquisas que revelam um baixo índice de leitores efetivos, e ainda pior, com altos índices de analfabetismo, sobretudo em países pobres como o nosso.

Onde está o problema? Na falta de recursos? Na cultura iletrada? No poderio econômico e intelectual da elite? Ou na total ineficiência da Escola? Observa-se que a questão da formação do leitor é complexa e deve ser analisada de diversos focos. Em cada época vivida, são detectados problemas distintos. Até meados do século passado, a escola, instituição oficialmente encarregada de ensinar e promover o hábito da leitura, não era para todos. A partir dos anos 60, com a democratização do ensino, aparentemente o problema deveria ter se resolvido. Ledo engano. Continuamos a produzir poucos leitores, muitos analfabetos.

A leitura passou, cada vez mais, a ser responsabilidade da escola que, cada vez menos, cumpria seu papel. Apesar dos inúmeros estudos desenvolvidos nesta área, continuamos a assistir à escola priorizando leituras didáticas, em detrimento da leitura por prazer, por curiosidade, para conhecer o mundo. A corrida por uma vaga no curso superior acirrou a prática de uma leitura imposta, bem como priorizou o uso de manuais didáticos que "facilitam" a aquisição do conhecimento com fins exclusivamente propedêuticos.

Os métodos de alfabetização utilizados, que priorizam a mecânica do ato de ler em detrimento da trajetória cognitiva da criança, contribuíram significativamente para

o desinteresse pela leitura. Nesta perspectiva, o significado do texto só seria obtido após o traquejo com as letras, sílabas, palavras e frases. Estudos desenvolvidos por Emilia Ferreiro, que datam da década de 70, contestam estes métodos chamados de sintéticos e analíticos. Com base na Teoria Piagetiana, a pesquisadora desenvolveu a tese de que a criança não se transforma em um leitor de um dia para outro, com a ajuda de um método. Sua trajetória de leitor inicia quando entra em contato com o objeto do conhecimento, neste caso, a escrita. A partir desse contato, a criança passa a formular concepções, hipóteses, sobre a leitura e a escrita até que chegue à decifração. Antes disso, ela já é capaz de compreender a função social da escrita e da leitura, bem como o caráter representativo da escrita.

Nesta direção, a escola deve desempenhar o papel de mediadora entre o objeto do conhecimento (a leitura) e o sujeito cognoscente (o potencial leitor). Na prática, significa promover inúmeros meios para que a criança entre em efetivo contato com a leitura e a escrita. Tal procedimento se opõe aos métodos sintéticos e analíticos que restringem a leitura aos textos limitados das cartilhas. O aprendizado da leitura por meio de soletração, silabação e palavração tem por objetivo desenvolver o aspecto mecânico da leitura, (decifração) desconsiderando o significado que a leitura deve ter para o leitor, desde a mais tenra infância.

Considerando ser esse o primeiro fator de afastamento do texto escrito, podemos ir um pouco adiante. Examinando as práticas de leitura na escola, observamos que após a criança ultrapassar o período da decifração, os professores se deparam com a célebre pergunta: como promover o hábito da leitura? Muito já se postulou e ainda se postula sobre o assunto. Contudo, a resposta é simples e está contida também na Teoria Piagetiana: há que se "aproximar" o potencial leitor do texto escrito. Quando se lê um poema de Cecília Meireles, que bem soube "brincar" com as palavras em Isto ou Aquilo, para uma criança de quatro ou cinco anos, estamos aproximando-a, não só do prazer sonoro, mas também dos inúmeros significados que o texto emana. Com isto ela poderá descobrir novas e variadas formas de se dizer e contar o mundo.

O primeiro passo para que isso ocorra é formar o professor-leitor, tendo em vista que não se pode ensinar aquilo que não se sabe, que não se pratica. Em seguida, é preciso ter o instrumental necessário disponível nas salas de aulas: o material bibliográfico. Principalmente na escola pública, é raro encontrarmos bibliotecas com um acervo razoável e que esteja todo tempo aberta para visitação e empréstimo de obras.

A formação do verdadeiro leitor começa, sabemos, na aproximação com o texto. Um dos motivos que pode levar a criança a não querer aprender a ler é o distanciamento do livro, bem como o risco que toda aprendizagem supõe. Nesta perspectiva, é que se baseiam ultimamente os estudos sobre a formação do leitor. O chamado letramento consiste nessa aproximação entre a criança e o texto escrito. Considera-se que quanto mais cedo haja esse contato, mais produtiva será a inserção dela no campo da leitura.

Contudo, há uma série de outros fatores que contribuem para formação do leitor, por exemplo, por meio da leitura de escritas sociais que promovem mudanças na vida do indivíduo. Há também o interesse pela leitura que se desenvolve a partir de um impulso natural. Há pessoas que têm a leitura como fonte de prazer, pura e simplesmente.

Não há, portanto, uma metodologia, apesar das inúmeras pesquisas, que dê conta de formar um leitor. O que podemos dizer seguramente é que a leitura é uma prática social que envolve aspectos múltiplos. Em se tratando de um conhecimento sobre o qual a escola, nos dias de hoje, é inteiramente responsável, é necessário que nós, professores, nos voltemos para a observação dessa multiplicidade de aspectos que o tema suscita. Para cada indivíduo, em cada momento, deve ser colocada a leitura em uma determinada perspectiva.

Tal procedimento implica sensibilidade e extrema atenção por parte de quem quer formar leitores que produzem sentido, não só para o texto lido, mas também para a própria vida.

Segundo Vera Masagão Ribeiro, em artigo publicado em 25/04/2006, no site <http://www.reescrevendoaeducacao.com.br/>,

(...) a definição sobre o que é analfabetismo vem sofrendo revisões nas últimas décadas. Em 1958, a Unesco definia como alfabetizada uma pessoa capaz de ler ou escrever um enunciado simples, relacionado a sua vida diária. Vinte anos, depois, a Unesco sugeriu a adoção do conceito de alfabetismo funcional. É considerada alfabetizada funcional a pessoa capaz de utilizar a leitura e escrita para fazer frente às demandas de seu contexto social e de usar essas habilidades para continuar aprendendo e se desenvolvendo ao longo da vida. Em todo o mundo, a modernização das sociedades, o desenvolvimento tecnológico, a ampliação da participação social e política colocam demandas cada vez maiores com relação às habilidades de leitura e escrita. A questão não é mais apenas saber se as pessoas conseguem ou não ler e escrever mas também o que elas são capazes de fazer com essas habilidades. Isso quer dizer que, além da preocupação com o analfabetismo, problema que ainda persiste nos países mais pobres e também no Brasil, emerge a preocupação com o alfabetismo, ou seja, com as capacidades e usos efetivos da leitura e escrita nas diferentes esferas da vida social.

Embora as considerações da autora reflitam uma realidade já sabida por todos, sobretudo, pelos que freqüentam a Academia, ainda são poucas e localizadas as efetivas ações das Universidades no que se refere à pesquisa e aplicação de novos meios para o progresso do alfabetismo - letramento. Desse modo, faz-se a cada dia mais necessária a intervenção dos modelos científicos que empreendem os saberes pedagógicos na escola básica brasileira. Essa perspectiva traz à tona o problema da desvinculação das instituições, sobretudo no que tange à educação. Um estudo da epistemologia do professor brasileiro, ainda que superficial,

demonstra que a teoria está ainda bem distante da prática na sala de aula. Os modelos adotados pelos professores, em situação de dúvida ou imposição, tendem a ser tradicionais, refletindo o despreparo para a ação inovadora.

O investimento feito em programas de capacitação de professores nem sempre traz o retorno esperado, em virtude da "autonomia" de estados e prefeituras que, muitas vezes, desvinculados dos saberes estabelecidos, vêm empregando recursos financeiros e humanos em verdadeiras "jornadas de auto-ajuda".

Desse modo, o laço que se rompe entre a teoria e a prática tem com fundamento a escassez de projetos acadêmicos que propiciem os meios de, ainda em cursos de graduação, poderem os alunos observar, experimentar e pôr em prática novas teorias e modelos educacionais, sob orientação adequada.

Em suma, o presente projeto tem como justificativa científica e social a ação de criar transitividade entre as teorias que se apresentam e discutem no âmbito da Universidade Brasileira e as instituições de ensino básico, proporcionando o aumento da qualidade da educação, sobretudo no que se refere à leitura como meio de produção de sentido, informação e formação da consciência crítica dos indivíduos, despertando para o multiculturalismo presente atualmente nas teorias e práticas do conhecimento.

Do ponto de vista metodológico, o trabalho vem se desenvolvendo a partir de dois tipos de encontro. Um primeiro, entre a coordenadora e os pesquisadores-extensionistas, quando são discutidas e estudadas questões teóricas e práticas que incluem modos de ação com os professores das escolas envolvidas. O segundo momento divide-se em duas etapas. A inicial de 40 minutos em que todos se reúnem para discutir resultados das ações anteriores, bem como novas ideias de atividades com vistas para a leitura, escrita e letramento. Na etapa posterior, os pesquisadores-extensionistas vão para as salas com os professores com o objetivo de observar as ações dos professores e reações dos alunos.

Embora os resultados ainda evidenciem mudanças lentas nas práticas de alguns professores, já é possível perceber o reflexo das novas propostas de atividades nos modos de recepção dos alunos. Um exemplo de atividade que mostrou o interesse e a habilidade dos alunos foi a realizada no 5º ano do Ensino Fundamental em que a professora pede aos alunos que enumerem animais invertebrados que conheçam e que já tenham visto. A lista evidenciou nomes como: CASCUDO, MARIBONE (MARIMBONDO), BRIBA (um tipo de lagarta), POTÓ (um tipo de mosquito), MURISSOCA ou MURIÇOCA, ABEIA (ABELHA), entre outros. A partir da identificação destes animais, a professora conduz ao trabalho de pesquisa para que se descubra os nomes científicos desses animais, bem como sua grafia correta. Para isso foi necessário que se recorresse a um pesquisador na universidade na área de zoologia.

O trabalho de pesquisa vem suscitando, não somente o conhecimento da área específica, mas também a perspectiva de letramento, tendo em vista o desenvolvimento da consciência metalingüística dos alunos e até mesmo da professora que desconhecia a grafia de determinadas palavras como foi o caso de MARIMBONDO que na região é denominado MARIBONE. Os passos futuros do projeto serão delineados pelos próprios professores que, a princípio, percebem o interesse dos alunos pelas atividades e desse modo, vêm criando novas iniciativas de investigação do entorno e elaboração de atividades atrativas e voltadas para o conhecimento.

Bibliografia

BAGNO, Marcos et al. *Prática de Letramento no Ensino*. São Paulo: Parábola Editorial; Ponta Grossa, PR: UEPG, 2007.

BARTHES, Roland. *O prazer do texto*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1973.

BAZERMAN, Charles. *Escrita, Gênero e Interação Social*. São Paulo: Cortez, 2007.

BETTELHEIM, Bruno & ZELAN, Karen. *Psicanálise da Alfabetização*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1984.

CAGLIARI, Luiz Carlos. *Alfabetização & Lingüística*. São Paulo: Editora Scipione, 2003.

FERREIRO, Emilia. *Reflexões sobre alfabetização*. São Paulo: Cortez, 2001.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler*. São Paulo: Cortez, 1999.

GERALDI, J. Wanderley. *Aprender e Ensinar com Textos de alunos*. São Paulo: Cortez, 1997.

GOODY, Jack, Watt Ian. *As conseqüências do letramento*. São Paulo: Paulistana, 2006.

KATO, Mary A. *No mundo da escrita: Uma perspectiva psicolingüística*. São Paulo: Ática, 2005.

LODI, Ana Claudia Balieiro (org.). *Leitura e Escrita no contexto da diversidade*. Porto Alegre: Mediação, 2004.

LODI, Ana Claudia Balieiro (org.). *Letramento e Minorias*. Porto Alegre: Mediação, 2002.

MEIRELES, C. *Ou isto ou aquilo*. São Paulo: Ática, 1998.

PIAGET, J. & INHLEDER, B. *A psicologia da criança*. São Paulo: Difel, 1980.

PIAGET, Jean. *A Linguagem e o pensamento da Criança*. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1976.

REGO, Tereza Cristina: *Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural da educação* - Petrópolis: Vozes, 1995.

RIBEIRO, Vera Marsagão. <http://www.reescrevendoaeducacao.com.br/>.

SOARES, G. M. R. & LEGEY, E. *Fundamentos e metodologia da alfabetização: método natural*. Rio de Janeiro: F. Alves, 1990.

SOARES, G. M. R. *Os diversos métodos de ensino da leitura e da escrita: estudo comparativo*. São Paulo: Papelaria América Editora, 1980.

SOARES, M. *Linguagem e escola: uma perspectiva social*. São Paulo: Ática, 1987.

SOARES, Magda. *Alfabetização no Brasil, o estado do conhecimento*. Brasília, Comped/Inep, 1985.

SOARES, Magda. *Concepções de Linguagem e o Ensino de Língua Portuguesa*. In: BASTOS, Neusa. (Org.).

SOARES, Magda. *Letramento: um tema em três gêneros*. Belo Horizonte: CEALE, 1988.

TRINDADE, Maria de Nazaret. *Literacia: Teoria e Prática, orientações metodológicas*. São Paulo: Cortez, 2002.

VASCONCELOS, Eduardo Mourão. *Complexidade e Pesquisa interdisciplinar: epistemologia e metodologia operativa*. Petrópolis: Vozes, 2002.

VASCONCELOS, Eduardo Mourão. *Complexidade e Pesquisa interdisciplinar: epistemologia e metodologia operativa*. Petrópolis: Vozes, 2002.

VYGOTSKY, L.S.. *Pensamento e Linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

ZILBERMAN, Regina & SILVA, Ezequiel Theodoro. *Leitura perspectivas interdisciplinares*. São Paulo: Editora Ática, 2004.